

CRÍTICA.

ASPECTOS DA VIDA DA ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS

N. L. MÜLLER

A Dra. NICE LECOCQ-MÜLLER, sócio efetivo da A.G.B. e Assistente da cadeira de Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da Universidade de São Paulo, na qualidade de Secretário-Geral de nossa Associação escreveu uma série de artigos, que a "Folha de Londrina", PR, publicou em junho e julho de 1961. Em linguagem acessível ao grande público, procurou contar um pouco da vida da A.G.B., desde sua fundação até nossos dias, focalizando muitos aspectos somente conhecidos dos associados, mas que retratam com fidelidade o ambiente reinante em nossa Associação e, em particular, seus métodos de trabalho. Data venia, aqui os transcrevemos, para que tenham a merecida divulgação nos meios geográficos do país e do estrangeiro.

I. ASSIM NASCEU A A.G.B.

Era uma vez um jovem francês que, nos idos anos de 1934, veio bater em distantes plagas brasileiras. Seu nome: Pierre Deffontaines. Sua profissão: geógrafo. Era uma verdadeira "avis rara", pois que geógrafo, entre nós, era profissão inexistente, pela simples razão de que não existia a Geografia. O que se ensinava como tal, era apenas um amontoado de nomes, que exigiam verdadeiras acrobacias de memorização: capitais, cidades principais, acidentes orográficos, afluentes de margem esquerda e direita...

Pierre Deffontaines chegou a São Paulo, em 1934, tendo que partir do marco zero. Com o dinamismo que o caracteriza, começou por fazer com que seus alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e, depois, o grande público, descobrissem a Geografia, na acepção moderna da palavra, como ciência interpretativa, explicativa, descobrindo para todos novos horizontes, dantes nunca suspeitados. E fez mais: numa terra, do ponto de vista da ciência geográfica, de botocudos, fundou uma sociedade de geógrafos. Como, se não os havia? Congregando intelectuais e cientistas de ramos afins ou auxiliares: o notável geólogo Luiz Flôres de Moraes Rêgo, o historiador e homem de notável cultura que é Rubens Borba de Moraes, a

complexa personalidade de Caio Prado Jr., combinação de economista, historiador e sociólogo que, talvez inconscientemente, sempre foi geógrafo, e a inteligência do ilustre médico higienista que foi Geraldo Horácio de Paula Souza. Com o irrestrito apoio desses grandes paulistas, Pierre Deffontaines fundou, a 7 de setembro de 1934, na cidade de São Paulo, a *Associação dos Geógrafos Brasileiros*, hoje conhecida por todo o país, em carinhosa sigla, como, simplesmente, a A.G.B. Começou pequenina, em reuniões quase familiares, realizadas na própria residência do Prof. Deffontaines, à Av. Angélica. Mas começou corajosa: nascida em São Paulo, em berço modesto, já se chamou *Brasileira*. É que seu fundador, em notável perspicácia, percebera suas possibilidades futuras, num país geograficamente fabuloso, em fabulosa "crise de crescimento". E mestre Deffontaines não se enganou: a A.G.B. cresceu e tornou-se, realmente, brasileira. Hoje, orgulha-se de seus quase 27 anos de existência, de seu quadro social, superior, em todo o país, a mil sócios, de sua atividade profícua e incessante. Atualmente, conta com cinco Secções Regionais: a de São Paulo, sua célula máter, a do Rio de Janeiro, a do Paraná, a de Pernambuco, a de Minas Gerais. Dois Núcleos Municipais, de Salvador e de Florianópolis, apontam como futuras Secções Regionais. Como entidade nacional, é responsável pela publicação dos *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, já estando planejada uma série nova, de Publicações Avulsas; de suas Secções Regionais nasceram os ótimos periódicos que são o *Boletim Paulista de Geografia* e o *Boletim Carioca de Geografia* (ambos já com onze anos de existência) e os recém-nascidos *Boletim Mineiro de Geografia*, *Boletim Baiano de Geografia* e *Boletim Paranaense de Geografia*. Essas publicações caçulas demonstram que a A.G.B. continua em plena vitalidade, em pleno crescimento. Desde que se tornou realmente nacional, por mudança de estatutos em 1945, realizou quinze Assembléias anuais, por todos os recantos do país. A próxima, a XVI Assembléia, terá lugar em Londrina. Como e por que cresceu? Isso já é uma outra história, que fica para uma outra vez.

II. A FASE HERÓICA

Pierre Deffontaines, chegado ao Brasil para ensinar geografia aos paulistas, no ano da graça de 1934, fundou a Associação dos Geógrafos Brasileiros, numa época em que, não existindo entre nós a Geografia como ciência, não poderia haver, logicamente, geógrafos. Mas a plêiade de intelectuais que reuniu soube merecer sua confiança e manter seu ideal: retornando à pátria mestre Deffontaines, cer-

rou carreiras com seu substituto, o jovem Pierre Monbeig, e, juntos, sustentaram a débil chama que fôra acêsa por aquele sempre entusiasta geógrafo. Mas foram anos difíceis, êsses primeiros anos da A.G.B.. Anos heróicos, em que às reuniões quinzenais, onde se apresentaram e se discutiram as primeiras pesquisas geográficas realizadas entre nós, compareciam, em média, de quatro a cinco pessoas. Algumas vêzes, a reunião tinha lugar com o Presidente, o Secretário e o orador... Mas Monbeig, cheio do otimismo e da inquebrantável fé dos moços, contando sempre com o apôio leal e confiante dos fundadores da entidade, Rubens Borba de Moraes, Luiz Flôres de Moraes Rego e Geraldo Horácio de Paula Souza, conseguiu fazer com que a A.G.B. atravessasse invicta os seus anos mais difíceis. Dentro do ambiente de sadia cordialidade, sem formalismos nem preocupações acadêmicas, a Associação contou com a assistência constante de seus poucos membros, mantendo inalterável a periodicidade de suas reuniões que, por não contar com sede própria, itineraram por vários prédios de São Paulo que lhe deram hospitalidade: a Faculdade de Higiene, a Biblioteca Municipal e, finalmente, a Faculdade de Filosofia, onde a Associação, fundada que fôra "ao redor da cadeira de Geografia da Universidade de São Paulo" acabou por encontrar abrigo, primeiro para as reuniões, depois para uma modesta sede provisória. Estimulados pelo contagioso entusiasmo do Prof. Monbeig, muitos de seus alunos começaram a comparecer às reuniões e a colaborar nos trabalhos: João Dias da Silveira, José de Oliveira Orlandi, Maria Conceição Vicente de Carvalho, Eurípedes Simões de Paula, Astrogildo Rodrigues de Melo, Antonio Rocco, Antonieta de Paula Souza, Alice Piffer Canabrava, Aroldo de Azevedo, que simbolizam o grupo de gente moça que, ombro a ombro com o núcleo inicial de pioneiros, contribuiu para a manutenção do ideal de Deffontaines através do dinamismo de Monbeig. Com o tempo, novos sócios vieram trazer seu apôio à Associação, não só procedentes da Faculdade de Filosofia, como da Escola Politécnica e do quadro da administração pública estadual: Sálvio de Almeida Azevedo, Anibal Alves de Bastos, Glycon de Paiva, Otávio Barbosa, Fernando Flávio Marques de Almeida Odilon Nogueira de Matos, Renato da Silveira Mendes, Ary França, José Ribeiro de Araujo Filho, Nice Lecocq Müller, Elina de Oliveira Santos, Clodomiro Pereira da Silva, José Carlos Rodrigues, Ruy Osório de Freitas e outros. São nomes que merecem ser lembrados, porque sustentaram a A.G.B. com o seu apôio, sua colaboração e experiência, no meio da indiferença generalizada, da incompreensão da maioria, através de seus primeiros onze anos de existência, a "fase heróica" da vida da Associação dos Geógrafos Brasileiros. Em

1945 a A.G.B. passará para novo período, o de sua reestruturação e do início de seu crescimento. Assunto que deixaremos para uma próxima vez.

III. A CRISE DE CRESCIMENTO

Fundada em 1934, por obra e graça de Pierre Deffontaines, mantida através de onze longos difíceis e heróicos anos pelo trabalho e fé de Pierre Monbeig, a Associação do Geógrafos Brasileiros saiu em 1945 de sua infância para enfrentar o sempre delicado período de adolescência, passando, então, por verdadeira "crise" de crescimento. A mudança de situação fêz-se em função da criação de ambiente já mais favorável às suas atividades, graças ao funcionamento, então de alguns anos, da Faculdade de Filosofia e do Conselho Nacional de Geografia. Estudiosos da nova disciplina iam percebendo o interesse das reuniões da ainda modesta agremiação de São Paulo, desejando que em outros centros do país algo de semelhante fôsse criado. Do Rio de Janeiro partiu a iniciativa, em grande parte por inspiração de Jorge Zarur; um grupo de geógrafos cariocas reunindo-se aos paulistas estudou uma estruturação da A.G.B. que permitisse fôsse se formando uma rede nacional de centros de estudos geográficos: foi a reforma estatutária de 1945. Ao lado de uma organização de âmbito nacional, a Associação dos Geógrafos propriamente dita, com séde na capital paulista, onde foi fundada, e que teria por quadro os associados de tôdas as células locais ou regionais, criou-se a possibilidade de existência das chamadas Secções Regionais da A.G.B., formadas por especialistas de certa área sob sua jurisdição. Inicialmente, duas foram logo criadas: a de São Paulo, que se constituiu com o quadro da associação inicial, e a do Rio de Janeiro, onde as atividades da Faculdade Nacional de Filosofia e do Conselho Nacional de Geografia já haviam formado representativo grupo de militantes de geografia. Afim de assegurar um caráter científico às suas atividades, foram estabelecidas duas categorias de associados: cooperadores (constituídos por todos os que se interessem por estudos geográficos) e efetivos (constituídos por geógrafos militantes, especialistas na matéria, eleitos por seus pares), sendo êstes os únicos com direito a voto na organização geral e de cujo quadro devem sair os dirigentes da A.G.B. nacional e diretores das secções regionais. Os primeiros sócios efetivos, constituídos por cinco geógrafos apontados pela Assembléia Geral que efetuou a reforma estatutária, foram: Aroldo de Azevedo, Fábio de Macedo Soares Guimarães, Fernando Flávio Marques de Almeida, Jorge Zarur e Pierre Monbeig. A êstes coube

a tarefa de eleger mais quinze, a fim de constituir o grupo inicial de efetivos, ficando, no conjunto, dez para São Paulo e dez para o Rio de Janeiro: Alberto Ribeiro Lamego, Ary França, Caio Prado Jr., Carlos Miguel Delgado de Carvalho, Cristovão Leite de Castro, Everardo Backheuser, Fernando Antônio Raja Gabaglia, João Dias da Silveira, José Setzer, Lúcio de Castro Soares, Maria Conceição Vicente de Carvalho, Orlando Valverde, Renato da Silveira Mendes, Ruy Osório de Freitas e Silyvio Fróis de Abreu. Vinte nomes, alguns já sobejamente conhecidos e consagrados, outros de jovens que começavam a se firmar como futuros grandes nomes, que hoje são. Bem distante já se estava dos tempo heróicos, das reuniões com três pessoas... A A.G.B. adquiria personalidade, definindo-se em sua função nacional, criando forças para enfrentar a maturidade. Como em tôdas a crise de crescimento, também ela teve seus períodos difíceis. Mas soube enfrentá-los, sabendo continuar a crescer, como um todo harmônico, como um organismo sadio. História essa que, longa e não isenta de passagens pitorescas, iremos contando aos poucos, nas próximas conversas com o leitor.

IV. O INÍCIO DA MATURIDADE

Reorganizada em 1945 em novas bases, realmente nacionais, a Associação dos Geógrafos Brasileiros reorganizou também os seus trabalhos. As tradicionais reuniões quinzenais, onde eram apresentados e debatidos temas geográficos, passaram a constituir atribuição das Secções Regionais, então duas, a de São Paulo e a do Rio de Janeiro. A organização geral, que deveria manter a união entre os associados das secções regionais, impôs-se a missão de realizar Assembléias Gerais anuais. Tendo sido a Assembléia de 1945, de reforma estatutária, realizada em São Paulo, considerada como a primeira, a segunda foi reunida na cidade de Lorena, no vale médio do Paraíba Paulista, em janeiro de 1946. Nesta altura, já tocamos numa das originalidades da A.G.B.. Porque a segunda Assembléia não teve lugar no Rio de Janeiro, capital federal, grande cidade, sede da outra Secção Regional da entidade? Porque, como tão bem disse Aroldo de Azevedo por ocasião do Primeiro Congresso de Geógrafos, realizado pelo A.G.B., na cidade de Ribeirão Preto, em 1954, "Não pertencemos a nenhuma cidade e a nenhum Estado: pertencemos a êsse grande continente que é o Brasil. Somos os peregrinos da Boa Nova — a Geografia Moderna; e, nêsse nomadismo cultural, armamos a nossa barraca onde melhor nos pareça, tendo em vista o interêsse da pesquisa". Foi dentro dêsse espírito que têm sido escolhidos as sedes das várias Assembléias e foi porisso

que Lorena, pequena cidade de menos de 20.000 habitantes na época, foi a primeira dentre as quinze cidades que já abrigaram assembleias da A.G.B. Dessas Assembleias, além das pesquisas de campo realizadas, das teses debatidas, de que falaremos mais tarde, resultou a expansão da Associação. Atraídos pela possibilidade de conhecer a atividade agebeana, trazidos por uns e por outros, iam comparecendo às reuniões interessados dos mais diferentes pontos do país, entrando em contáto com a pesquisa de campo, com o trabalho de equipe, com a mentalidade de crítica construtiva. Aos poucos, sócios efetivos foram aparecendo em várias regiões e, depois, o resultado inevitável e esperado: o aparecimento de novas Secções Regionais. Sucessivamente, foram instaladas a do Paraná, a de Minas Gerais e a de Pernambuco. Onde não há ainda número representativo de associados, formaram-se Núcleos Municipais, como os de Salvador e Florianópolis, sem dúvida, futuras Secções Regionais. Já se acha em estudo a instalação do Núcleo Municipal de Pôrto Alegre. E outros virão, pois a semente é boa e a terra fecunda. Continuando em seu trabalho, a A.G.B., divulgando e ensinando, contagiando novos elementos do entusiasmo geográfico, deverá continuar sua curva ascendente que, mesmo se lentamente, continuará com a mesma segurança. O essencial é que possa se manter como "Peregrina da Boa Nova — a Geografia Moderna", e fazê-lo por meio dêsse "nomadismo cultural" que a têm levado para os mais diferentes pontos do Brasil. Disso falaremos próximamente, mesmo porque, "armando nossa barraca onde melhor nos pareça", a próxima Assembleia, de 7 a 17 de julho proximo, será nesta encantadora e hospitaleira cidade de Londrina.

V. AVENTURAS E DESVENTURAS DA A.G.B.

A crônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros oferece muitos episódios pitorescos. Tomando ao acaso, podemos lembrar a saga da primeira excursão de pesquisa por ela realizada no decorrer de sua II Assembleia, que teve lugar, em janeiro de 1946, na cidade de Lorena, Estado de São Paulo. Sendo a inicial, sofreu ela todos os percalços do pioneirismo. De Lorena, os excursionistas, de caminhão, atingiram São José do Barreiro, de onde, na madrugada do dia seguinte, empreenderam a escalada da Serra da Bocaina, a pé, acompanhados por apenas três cavalos: teóricamente, serviriam para descansar as vinte e tantas pessoas por revezamento; na prática, acabaram por atender aos mais idosos ou menos treinados, os demais se resignando a seguir por seus próprios meios apenas com rápidos descansos à beira dos barrancos... Na primeira etapa,

na subida, até Lageado, foram sete horas de caminhada, sofridas em silêncio como convem ao bom agebeano. Em Lageado, esperava-os, para o pernoite, velho casarão de fazenda, inabitado e desmobiado — com a honrosa exceção de longa mesa de tábuas flanqueada por dois rústicos bancos. Armandando-se de ânimo, logo dividiram-se as tarefas e organizou-se a instalação do grupo. Aroldo de Azevedo (professor catedrático de Geografia do Brasil na Universidade de São Paulo), encarregou-se de varrer o grande salão, marcando o lugar das “camas” no chão, com folhas de jornal, a fim de protegê-las contra pés irreverentes. João Dias da Silveira (professor catedrático de Geografia Física na Universidade de São Paulo e diretor da Faculdade de Filosofia de Rio Claro, Estado de São Paulo), recebeu, por unanimidade de votos, a cozinha; muito expedito, organizou o primeiro cardápio à base de conservas, para poder contar com as latas como panelas. O Prof. Pierre Dansereau (atualmente Reitor da Universidade de Montreal, Canadá), à frente da equipe de geografia botânica, teve a seu cargo a localização de espécies vegetais de folhas largas, que servissem de pratos. Pierre Monbeig (então Presidente da Associação e professor de Geografia Humana da Universidade de São Paulo, hoje Diretor do Instituto da América Latina, em Paris), ficou responsável pela delicada missão de manter o abastecimento de água, o que fez, percorrendo cansativa e ininterruptamente a trilha que levava ao regato, com o auxílio de uma providencial chaleira velha. À noite, todos se instalaram, enfrentando o frio com dois cobertores para cada três pessoas: em cada “trinca”, um sempre dormiu melhor que os outros — o do meio, que além de ficar na área de sobreposição dos cobertores, não teve que passar a noite a defender a sua ponta e a procurar fixá-la... Cedo teve início a segunda etapa, até o Morro do Tira-Chapéu, de nome muito sugestivo, a descida depois tendo sido feita sob chuva torrencial e patinando na lama. A essa altura, nem mesmo os mais velhos ou menos treinados quiseram usar os cavalos. Em São José do Barreiro, depois de rápida refeição, tomaram o caminho para o retorno a Lorena, onde chegaram de madrugada, molhados, mal alimentados, cansados, mas cantando: assim é a AGB...

VI. DOS PERCALÇOS DE UMA ASSEMBLÉIA DA A.G.B.

Organizar anualmente uma reunião para cem pessoas é sempre tarefa difícil; algumas vezes, é ela facilitada pela boa vontade e ilimitado apóio de alguns elementos locais que, praticamente, chegam a “fazer” uma Assembléia. Assim foi em 1953, em Cuiabá, com o então deputado estadual, dr. Lenine Póvoas; assim foi, em 1960,

em Mossoró, com a grande figura, agora Presidente do Instituto Brasileiro do Sal, que é o dr. Vingtun Rosado Maia. De modo geral, no entanto, sempre se encontrou compreensão e vontade de ajudar. Apesar disso, rara é a assembléia que não teve seus problemas de organização. De uma feita, foram as freiras que iriam receber as moças em seu collegio que, entrando em repentino retiro espiritual, não mais podiam fazê-lo — isso dois dias antes do início da reunião. Em tôda a cidade não havia outra possibilidade de acomodação, excetuando o hotel que menos por confôrto que por outras razões, estava fora de cogitação. Duas integrantes da Diretoria (o Presidente viajava, resolvendo alguns detalhes referentes às excursões), diante do impasse, resolveram pedir conselho a um parente de um colega da A.G.B., que lá morava, e que deu a solução: o aproveitamento de uma sua casa que, vazia, estava à espera de reforma. Depois de carpido o mato do jardim e lavado o assoalho, camas emprestadas foram armadas da sala à cozinha, varais foram colocados a fim de servirem de “armários”, espelhos — o que era imprescindível! — foram distribuídos. Ali se instalaram cêrca de vinte moças tudo resultando em simpática “república”. Outra vêz, com uma exposição de livros e mapas que se pretendia fazer, o problema foi de encontrar uma forma de proteger as obras raras: depois de uma busca por toda a cidade, acabou sendo utilizada a vitrine de dentaduras da Faculdade de Odontologia local! Mas ninguém deu pela coisa, nem mesmo seus proprietários que, desmentindo o ditado de quem empresta não melhora, receberam-na de volta de roupa nova, pintada que fôra, a quatro mãos, por Aroldo de Azevedo e Dora Romariz... Nessa mesma cidade, o gênio inventivo dos agebeanos deram outras provas de eficiência: por exemplo, havia uma palestra, que deveria ser gravada, programada para a tarde, hora em que a cidade sofria, por racionamento, corte de energia. Descobriu-se um gerador em uma loja, mas que não funcionava, pois estava com o motor quebrado. Pesquisas demonstraram que êle poderia trabalhar com um motor de caminhão, o que foi emprestado pela Prefeitura. Na hora da reunião, ante os olhos surpresos dos que já se encontravam no local, fios foram puxados do outro lado da rua para o salão — e tudo funcionou como havia sido programado. E ha ainda uma vêz em que... bem, o relato já está longo. Outras histórias virão, em um outro artigo.

VII. NOVAS AVENTURAS E DESVENTURAS AGEBEANAS

A fim de assistir a uma das Assembléias, que se realizou no Nordeste do país, associados da Associação dos Geógrafos Brasileiros renniram-se em São Paulo para séguirem viagem em ônibus

que havia sido fretado. Mas que ônibus! Tão velho, alquebrado e de aspecto desconsolador quanto o motorista que se sentava ao volante... Mas embora com uma velocidade que só poderia quebrar a barreira da preguiça, foi êle vencendo distâncias. No velho sistema de revezamento diário de lugares, para que todos passassem pelas mesmas agruras, compondo suas tradicionais canções humorísticas, os agebeanos viram passar o trecho correspondente ao Estado de São Paulo, ao Estado do Rio de Janeiro e ao de Minas Gerais. Foi só no sertão da Bahia, pouco além do lugarejo chamado Pedra Azul, que o ônibus, lamentável mas decisivamente, recusou-se a prosseguir. Quebrara uma peça vital. A estrada, vazia de movimento, não sugeria qualquer socorro rápido. Depois de sete horas de teimosa estadia do motorista sob o veículo, fomos avisados de que, sem mudança da peça, não poderíamos prosseguir. Então, deixando o que havia de alimento com os que deveriam ficar para zelar pela bagagem (e era apenas uma lata de biscoitos e algumas laranjas), um grupo resolveu caminhar para a frente, na esperança de encontrar alimento ou possibilidade de auxílio. Foram três léguas de caminhada, sob sol causticante, na estrada vazia, flanqueada pela caatinga ressequida. Afinal, uma vendinha. Providenciou-se um refeição: feijão tinindo no prato de estanho e carne de sol. Para a sede, nada — só havia, em matéria de líquidos, aguardente. Fora isso, apenas bananas, mas que a dona do botéco recusava-se a vender, pois se destinavam à alimentação de sua coleção de arapongas! Cansados, fizeram um revezamento: enquanto alguns vigiavam a estrada, à espera de algum veículo, outros descansaram como puderam, sobre sacos cheios de cristal de rocha... Afinal, à tardinha, surgiu um jeep, cujos passageiros concordaram em voltar a Vitória da Conquista, de onde vinham, levando dois dos nossos, à procura de socorro. Duas horas depois, voltavam vitoriosos, com um caminhão para levar a turma e a bagagem e mais um mecânico para acudir ao "Paraíba", como havia sido batizado o motorista. Depois de mais de 12 horas parados na estrada, chegou-se a Vitória da Conquista onde, diante da notícia trazida pelo mecânico, tratou-se de conseguir outro ônibus para prosseguir viagem, pois que o nosso, segundo parecia, não andaria tão cêdo. Soubemos, mais tarde, que lá ficou êle uma semana...

VIII. DO ESPÍRITO AGEBEANO

Nas reuniões da Associação dos Geógrafos Brasileiros todos os participantes recebem o mesmo tratamento. Já se viu, em crônica anterior, como professores universitários enfrentam tarefas que lhe são atribuídas, mesmo quando se trata de varrer, cozinhar ou

carregar água. Certo Prefeito, informado da presença, entre os participantes, de dois Secretários de Estado, foi procurá-los para cumprimentá-los: encontrou-os, junto com os demais, num caminho, em trajes de excursão, prontos para partir para a pesquisa de campo. Nessas pesquisas, desaparecem hierarquias, já tendo ocorrido verdadeiras inversões de posições, catedráticos passando nelas a subordinados de assistentes ou de ex-alunos. E esse espírito é contagioso: já tivemos como chefe de cozinha a sogra de um governador; deputados já nos ajudaram a arrumar cadeiras para a sessão solene; moças da sociedade local, muitas vezes, acabaram por se transformar nas mais eficientes secretárias ou ajudantes de ordens e executaram as mais variadas tarefas. São cidadãos que, assistindo aos nossos esforços, acabam embuidos do mesmo espírito e oferecem seus préstimos, dentro do mesmo comportamento de colaboração e esforço comum desinteressado. Por exemplo, em certa cidade, em que se realizou uma de nossas quinze assembleias, ocorreu — como já houve oportunidade de narrar — que a última hora não foi possível contar com a hospitalidade de um colégio para as moças. Conseguiu-se, para a emergência, uma casa particular vazia que estava à espera de reforma. Enquanto o filho do proprietário carpiava o mato do jardim, duas integrantes da Diretoria iam passando querosene no assoalho. Eis que entra alguém: de joelhos, erguendo a cabeça, vê um simpático senhor que lhes pergunta se precisam de ajuda. Diante da boa vontade, dão-lhe a tarefa de ir armando as camas que, emprestadas, empilhavam-se em um dos cômodos. O precioso auxiliar voluntário tira o casaco que, depois de rápida inspeção, acaba por pendurar numa maçaneta; arregaça as mangas e com silenciosa determinação, passa a armar camas. Depois disso, improvisou varais e pregou espelhos. Nada mais havendo a fazer, despediu-se, já amigo, tornando a oferecer seus préstimos para o que desse e viesse. No dia seguinte, trocando os "blue jeans" por trajes civilizados, as duas integrantes da Diretoria passaram a cumprir com outro encargo: visitas protocolares às autoridades locais a fim de convidá-las para as cerimônias solenes. Eis que são lembradas que faltava um convite a ser feito, a um simpático senhor que se aproximava sorridente, o mesmo que, na tarde anterior, as ajudara com tanta boa vontade. Era o Vice-Governador do Estado, que estava na cidade...

IX. DAS ASSEMBLÉIAS DA A.G.B.

Desde sua reestruturação, em bases nacionais, feita pela reforma estatutária de 1945, a Associação dos Geógrafos Brasileiros já rea-

lizou quinze Assembléias Gerais de seus associados, com sede nas mais diferentes regiões do território do país. A I Assembléia foi puramente administrativa, em São Paulo, tendo nela se efetuado a reforma de estatutos a que nos referimos. A II Assembléia, em janeiro de 1946, teve lugar na cidade de Lorena, onde foi inaugurada a prática de pesquisas de campo em equipe, com base em experiência anterior, feita por Francis Ruellan e seus alunos, na Serra dos Órgãos. Assim, a A.G.B., que devia seu nascimento a Pierre Deffontaines sua manutenção nos anos mais difíceis a Pierre Monbeig, ficou devedora a Francis Ruellan de talvez a maior de suas originalidades, a pesquisa de campo em equipe, realizada no decorrer de suas Assembléias. Esse terceto francês é parte integrante de sua história e merecedor de toda sua gratidão. Na II Assembléia, a pesquisa foi orientada para um estudo da Serra da Bocaina, cujos pormenores pitorescos já foram relatados em crônica anterior. A III Assembléia (novembro de 1947) teve lugar no Rio de Janeiro, as pesquisas visando a área da baixada Fluminense, bastante prejudicadas pelas chuvas constantes. A IV Assembléia (dezembro de 1948) foi a de Goiânia onde, mais uma vez, o tempo não permitiu a execução das tarefas planejadas, que se prendiam ao estudo da zona de Ceres: não foi possível ultrapassar Jaraguá, pois que caminhões e geógrafos teimavam em atolar na lama... Veio depois a V Assembléia, em janeiro de 1950, realizada em Belo Horizonte. Se a Assembléia de Goiânia já marcara rumos, estruturando os trabalhos dentro de um rigor essencialmente agebeano, a reunião de Belo Horizonte fixou o método e foi a primeira a contar com várias equipes a apresentarem relatórios específicos: foram realizados estudos de geografia urbana em Belo Horizonte, pesquisas de geomorfologia e fitogeografia no Maciço do Caraça e um trabalho de geografia industrial regional em Barão de Cocais. A VI Assembléia foi em Friburgo, Estado do Rio, em fim de janeiro e início de fevereiro de 1951, onde, por imposições das condições locais, usou-se uma técnica nova de pesquisa, com equipes estudando vários aspectos de uma mesma área, fazendo-se uma experiência de micro-geografia de detalhe. Em janeiro de 1952, foi a primeira Assembléia no Nordeste, em Campina Grande, a VII da A.G.B., com estudos realizados na região de Campina Grande com duas equipes congregando todos os participantes, uma de geografia urbana, outra de geografia rural e, posteriormente, com subdivisão por vários grupos, na região do Brejo Paraibano e no Sertão de Curema. Verificada, por várias experiências anteriores, a impropriedade do período de verão para as pesquisas de campo, a VIII Assembléia, em Cuiabá, teve lugar em julho de 1953, mês que, desde então, fixou-se como a

época das Assembléias, que os associados da A.G.B., reservam, sacrificando férias e um merecido repouso, para os trabalhos geográficos e para esse ideal de melhor conhecerem sua terra. Trabalharam, então, quatro equipes, dedicadas ao estudo urbano de Cuiabá, à área açucareira de Leverger, à Chapada dos Guimarães e ao Planalto dos Parecis. A IX Assembléia, que teve lugar em Ribeirão Preto em julho de 1954, teve um caráter diferente, pois coincidiu com a realização do I Congresso Brasileiro de Geógrafos, organizado pela A.G.B.; nem por isso deixou de ter os métodos tradicionais de estudo, tendo sido realizados trabalhos de campo relativos à cidade hospedeira, às áreas de Igarapava, de SE de Ribeirão Preto, de Araraquara e Orlandia. Em julho de 1955, a X Assembléia foi realizada em Garanhuns, Estado de Pernambuco, com quatro equipes de trabalho, estudando a cidade de Garanhuns e sua área rural, a Zona da Mata, a Região de Arcoverde e as Escarpas meridionais da Borborema. Excepcionalmente, por coincidir a época de sua realização com o XVIII Congresso Internacional de Geografia, que teve lugar no Rio de Janeiro, e em que estava empenhada a grande maioria dos geógrafos patricios, a A.G.B., limitou sua XI Assembléia a uma reunião de caráter administrativo, na própria sede do Congresso. Em julho de 1957 retomava seu ritmo normal de trabalho, com a XII Assembléia, na cidade de Colatina, Espírito Santo. Cinco equipes realizaram o trabalho de pesquisa referente à cidade, à sua área rural, à região de Linhares, à região de colonização antiga e à área pioneira. No ano seguinte, em julho, a A.G.B. deslocou-se para os pagos gaúchos, realizando sua XIII Assembléia em Santa Maria e realizando estudos da cidade, de sua zona rural, do planalto e da Campanha. Depois, foi a XIV Assembléia, em Viçosa, Minas Gerais, em julho de 1959, em que se estudou Viçosa e sua região e as áreas de Ponte Nova e Ubá. Finalmente, chegamos à última das Assembléias já realizadas, a XV, que teve por sede a cidade de Mossoró, Rio Grande do Norte, e onde quatro equipes se dedicaram a pesquisas na cidade de Mossoró, na várzea salina do rio Mossoró, nas regiões do Assú e do Apodí. Agora a XVI Assembléia, com sede na cidade de Londrina.

X. O QUE É UMA ASSEMBLÉIA DA A.G.B.?

Uma Assembléia da Associação dos Geógrafos Brasileiros é uma reunião anual de especialistas provenientes de todos os pontos do País em que a entidade conte com associados o que, a rigor, coincide com o território nacional. Essas reuniões atendem a vários objetivos. Antes de mais nada, constituem valiosa oportunidade

para o encontro de pesquisadores: principiantes e veteranos das lides geográficas aí têm possibilidade de trocar idéias e de absorver experiências úteis. Dêsse ponto de vista, não seria exagero dizer que a A.G.B. tem sido uma das mais ativas e ecléticas escolas de pesquisa geográfica no país. Além disso, nas Assembléias são apresentados — e debatidos, o que é mais importante — trabalhos de pesquisa nos mais variados ramos da ciência, estimulando e atualizando o conhecimento geográfico de nossa terra. Assuntos específicos vêm-se constituindo em temas de Simpósios, em que especialistas reúnem-se para sistematizar os conhecimentos, acertar métodos, estabelecer conclusões. E, finalmente, há os trabalhos de campo, pesquisas que são efetuadas “in-loco” por quatro dias, por meio de um esforço intensivo e uma organização em equipes, de que resultam levantamentos da realidade geográfica da região, de valôr intrínseco pelo que representam de original, mas também pela contribuição à ainda pobre bibliografia especializada brasileira. Assim, geógrafos de todo o Brasil mantêm-se em contato, aperfeiçoam seus conhecimentos, e conhecem diretamente as mais diferentes áreas e os mais variados problemas brasileiros. Os agebeanos, conscientes do que, mais que em benefício próprio, vêm realizando em prol da Geografia brasileira, orgulham-se de suas Assembléias. Orgulham-se de sua Associação, nascida modesta, humilde, e que, com pertinância, vem crescendo. Um seu antigo associado, que a tivesse visto nascer, lutar pela sobrevivência e vencer graças ao esforço quase sobre-humano de um punhado de idealistas para chegar ao organismo sadio e forte que é hoje, poderia como já fez o caro colega Aroldo de Azevedo, parodiar o “velho Timbira” e dizer:

...“E à noite nas tabas, se alguém duvidava
Do que êle contava,
Dizia prudente: Meninos, eu vi!”

A A.G.B., com suas Assembléias, representa uma mentalidade nova, que vem ganhando força em todo o país. Em grande parte devido à sua atividade, a Geografia começa a ser encarada como uma “ciência aplicada”, que tem sua palavra a dar nos planejamentos regionais e numa série de trabalhos de ordem administrativa. Ninguém poderá roubar à A.G.B. a honra de ter sido a pioneira na renovação do espírito e da estrutura dos congressos científicos no Brasil, rompendo ostensivamente com os academismos inúteis e estéreis; ninguém poderá lhe tirar a glória de, à custa de minguados recursos financeiros e de muito idealismo desinteressado, ter contribuído, decisivamente, para a implantação da verdadeira Geografia no Brasil.

Já é tempo de dar por terminadas as várias crônicas sôbre a A.G.B., feitas com base no amor e entusiasmo que a ela dedicamos, como uma despretenciosa tentativa de torná-la conhecida e compreendida. Estamos em Londrina discutindo teses, debatendo em Simpósio, dedicando-nos à pesquisa cheios da mesma fé e inabalável ânimo que sempre nos apoiou em ocasiões como estas. E, usando uma frase de Aroldo de Azevedo, termino: "Tenho plena convicção de que, daqui há alguns anos, quando os ecos desta Assembléia se tiverem dissipado no torvelinho da vida quotidiana, haverá de existir nessa cidade pelo menos um "velho Timbira"; e se alguém duvidar do que conte a respeito de nossas atividades, nos curtos dias aqui passados, dirá, com prudência:

"— *Meninos, eu vi!*"